Rugindo para além das vidraças

David Habets
Centro Médico da Universidade de Amsterdã | Amsterdã, Países Baixos
david.habets@gmail.com

Eva Posas
Curadora Freelancer | Amsterdã, Países Baixos
evaporable@gmail.com

Biguzaa Habets-Posas
biguzaahabets@gmail.com

tradução Caroline Spitzner
Universidade de Radboud | Nijmegen, Países Baixos
carolspitzner@gmail.com

revisão técnica Juliana Ramos Boldrin
Universidade Federal de São Paulo | Guarulhos, Brasil
boldrinju@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v34i1pe232484

A respiração de Ellen Hutchins

Meus nervos estão tão fracos que minha mão treme e mal consigo escrever...

As montanhas estão sempre diante de mim para despertar arrependimentos e me lembrar das horas felizes, embora solitárias, de prazer que tive vagando entre elas. O barulho do mar coloca diante de mim as plantas marinhas e o prazer que eu costumava sentir em coletar e preservar espécimes para meus amigos. Sinto que nunca mais terei prazeres tão tranquilos para amenizar horas de ansiedade e tristeza.

[5 de julho de 1813, Ellen Hutchins em uma carta a Turner]

Gostaria que o mundo inteiro se sentisse tão leve e livre quanto eu me senti ao vagar pelo lugar onde a encontrei. Uma vantagem em um país tão remoto como este é que se pode passear à vontade. Seriam necessárias muitas vantagens para compensar todas as desvantagens. Onde mais alguém poderia sair sozinho para passear entre rochas e montanhas ou levar apenas um menino ou uma menina para trazer a cesta e a caixa?

[20 de maio de 1812, carta de Ellen Hutchins a Turner]

A obra *Ventos que Rugem*, apresentada neste artigo, explora o panorama mental de uma botânica irlandesa pioneira chamada Ellen Hutchins (1785-1815). Durante a maior parte de sua breve vida, que terminou aos 29 anos, Hutchins sofreu com doenças físicas e mentais, provavelmente devido a crises recorrentes de tuberculose (Chesney 1997).

Ainda jovem, ela foi enviada de *West Cork* para Dublin, para ser tratada e viver com a família de Whitley Stokes. Stokes, que acabara de se tornar professor de Medicina no *Royal College of Physicians* de Dublin, já era um botânico renomado e amigo da família. Ele incentivou o talento de Hutchins para o estudo de plantas criptogâmicas. Com seu olhar aguçado, ela rapidamente se tornou uma das primeiras especialistas em líquens, hepáticas e algas marinhas, recebendo convites para coletar espécies e para se corresponder com importantes botânicos da época, incluindo James Townsend Mackay (1775-1862) e Dawson Turner (1775-1858).

Líquens e algas marinhas, plantas que aparentemente se materializam do ar e da água e formam filamentos respiratórios que se estendem das profundezas do mar ao topo das montanhas, tornaram-se a obsessão pessoal de Hutchins. Em suas cartas, lemos como suas caminhadas para coletar espécimes marcaram momentos de sua vida em que ela encontrou autorrealização e alívio para circunstâncias difíceis. Há uma conexão poética e pragmática entre seu anseio por ar fresco e sua atenção aos seres ecologicamente mais sensíveis em seu ambiente.

Janelas e montanhas como laboratórios para explorar a regulação afetiva

Nosso projeto opera na intersecção entre psicologia ecológica, artes visuais e filosofia, explorando as qualidades projetivas inerentes ao ambiente de vida. Este trabalho está inserido no contexto mais amplo do projeto de pesquisa de doutorado *Paisagens do Estresse*, desenvolvido no *Psychiatry Department of the University of Amsterdam*. Nossa análise se concentra na projeção como uma estratégia reguladora do afeto. Em vez de perceber a projeção como um processo unidirecional em que ideias ou sentimentos são meramente projetados em pessoas, objetos ou lugares, propomos uma compreensão recíproca da projeção (Habets et al., 2024). Considere-a como a antecipação da aeromancia afetiva.

Baseamo-nos em uma concepção radicalmente situada de imaginação (cf. van Dijk & Rietveld, 2020; Ianniello & Habets, 2025), definida como uma ferramenta corporificada que possibilita manter a abertura ao mundo através da articulação expressiva de pensamentos e sentimentos. Investigamos como as qualidades efêmeras e afetivas dos materiais e arredores não são panos de fundo passivos, mas participantes ativos em processos imaginativos que articulam relações sentidas — positivas ou negativas — em relação ao próprio mundo. A experiência biográfica inscreve um horizonte de significância através do qual os indivíduos desenvolvem orientações afetivas e formas de habitar orientadas para o futuro. Essas orientações não são estáticas, mas dinamicamente moldadas pela atividade imaginativa, permitindo aos indivíduos reconfigurarem continuamente a

sua relação com o seu lugar no mundo, um processo contínuo enraizado no engajamento perceptivo do corpo vivido com o mundo.

No caso de Hutchins, a imaginação se desdobra nos espaços interseccionados do interior de uma casa do século XIX e das amplas vistas das montanhas e do litoral de *West Cork*. Seu confinamento intensifica essa significância, transformando-a em um limiar perceptivo onde intenções e anseios não realizados se acumulam. A janela se torna não apenas uma fonte de luz e ar, mas também uma estrutura para sustentar a direção afetiva e a continuidade temporal, servindo como uma articulação entre o corpo vivido e seu mundo retraído. Esse ato de projeção imaginativa não é meramente uma fuga passiva, mas um processo dinâmico e autoafirmativo (Zahavi, 2005) no qual a continuidade do eu é mantida e remodelada por meio de sua relação com o ambiente.

Por meio da análise de autonarrativas históricas — como as cartas de Hutchins —, de entrevistas fenomenológicas (cf. Becan 2014, Høffding 2015) realizadas em *West Cork* e da criação e documentação de instalações artísticas de grande porte, examinamos as práticas sutis por meio das quais os indivíduos articulam suas identidades em relação ao lugar. Focar nas experiências vividas em nossa abordagem transdisciplinar permite desenvolver um relato fenomenológico da projeção como uma forma ativa e situada de orientação afetiva, expressa por meios materiais perceptivos e imaginativos. Aqui, a projeção não é simplesmente uma expressão de sentimentos sobre o ambiente, mas uma prática constitutiva de autoafeição, na qual o eu molda e é moldado continuamente em sua relação com o mundo.

Naturalmente, isso representa desafios significativos para a definição de reprodutibilidade e para a granularidade da análise, visto que todas as metodologias de pesquisa envolvidas são inerentemente qualitativas e refletem qualidades subjetivas e intersubjetivas significativas da experiência. Afirmamos que projetos de arte/ciência podem trazer à tona a experiência vivida e demonstrar como a pesquisa comportamental está sempre situada em contextos da vida real ao bagunçar as fronteiras entre experimentos psicológicos e obras de arte. Seja no laboratório, na clínica ou nas montanhas, as capacidades de afetividade, imaginação, cognição e percepção devem ser entendidas como relações radicalmente situadas e contingentes, ainda que continuamente mutáveis, entre as pessoas e um mundo em fluxo.

Ventos que Rugem

As fotografias reunidas nesta publicação surgiram ao longo de uma residência de três meses em *Glenkeen Gardens*, local com vista para a *Roaring Water Bay*, no sudoeste da Irlanda. Baseado em viagens diárias do nosso coletivo familiar pela paisagem, o projeto se desenvolveu de forma lenta, técnica, atenta e colaborativa:

1) Trabalhamos com uma câmera analógica de grande formato, cujas restrições materiais moldavam o ritmo e a postura da produção de imagens. Sob o pano escuro, olhando pelo vidro fosco, a moldura tornou-se uma composição, um encontro espacial, uma abertura de perspectiva. Como escreveu John Szarkowski: "A imagem se torna menos uma coisa feita do que uma janela pela qual se olha". Essa desaceleração deliberada era uma

maneira de permanecer em sintonia com o terreno, o líquen e a margem da maré, assim como a própria Hutchins poderia ter explorado os lugares em sua busca por criptógamas. Os suportes de filme permitiam quatro exposições por saída, cada uma delas cuidadosamente escolhida e composta, cada uma delas uma tentativa de capturar a presença tanto como registro botânico quanto afetivo (Figura 8).

2) Os negativos produzidos por meio desse processo foram posteriormente utilizados em uma série de conversas com especialistas locais, estimuladas por imagens, em *Bantry* e arredores, onde Ellen Hutchins passou grande parte de sua vida. Esses encontros aprofundaram nossa compreensão de sua escrita e de seu ambiente, enriquecendo o projeto por meio de perspectivas em camadas — arquivísticas, ecológicas e pessoais. Conversamos com a escritora e historiadora Madeline Hutchins, que também é sobrinha-bisneta de Ellen; com a arqueóloga e botânica Finola Finlay; com a escritora e artista Karen Minihan e com a ecologista Clare Heardman. Nas conversas, traçamos os possíveis caminhos de Hutchins pela paisagem, destacando lugares esquecidos, nuances históricas e oportunidades para fazer fotografias. Durante as conversas, os negativos trouxeram à tona uma *presença compartilhada* dos lugares que Hutchins ansiava por estar, atuando como janelas para o passado e suscitando interpretações e perspectivas sobre seu estado de espírito enquanto lidava com seus desafios físicos (Figura 9).

3) Após esses diálogos, os negativos foram revelados e impressos como cianótipos em placas de vidro. Esta publicação apresenta provas de contato dos cianótipos 8x10 para explorar o valor tonal e a ressonância da imagem. O processo de cianotipia foi escolhido por suas associações táteis e históricas, evocando uma temporalidade fotográfica mais próxima do futuro imaginado por Hutchins. Embora a fotografia ainda não tivesse entrado nas ciências botânicas durante sua vida, mais tarde se tornaria um método fundamental para a documentação de espécimes. Fomos particularmente atraídos pelos fotogramas de cianótipos de algas marinhas de Anna Atkins, nora de Dawson Turner, que pode ter conhecido o trabalho de Hutchins. No total, 180 fotografias serão impressas em vidro. Quando combinadas com as cartas de Hutchins, essas imagens fornecem o material para uma análise fenomenológica realizada no *Lemon Tree Interdisciplinary Center for Psychiatry, Psychotherapy, and Philosophy*. Esta análise explora como a imaginação e a articulação expressiva sustentam a autoafeição e a relação com o mundo, mesmo em meio a restrições físicas.

4) No futuro, as fotografias serão instaladas em vidraças como parte de uma instalação espacial — a casa sem paredes, um espaço feito de ar e luz — intitulada *Ventos que Rugem*. O trabalho será apresentado no *Working Artist Studios* em *West Cork* e na *Crespo Foundation em Frankfurt* em 2026, onde será acompanhado por uma transmissão de rádio ao vivo. Conduziremos entrevistas fenomenológicas durante as exposições para explorar como os visitantes se relacionam com a obra e suas atmosferas. Com isso, pretendemos entender melhor os papéis da projeção, da memória e da autoafeição em contextos de galeria. As fotografias convidam os espectadores a um estado de outro lugar ou a se tornarem presentes em outro lugar, uma abertura ressonante que ecoa o desejo de Hutchins de retornar às montanhas. As vidraças, portanto, atuam como material e

metáfora, oferecendo um local para reflexão e pesquisa: uma investigação filosófica conduzida além dos textos tradicionais.

© MBUCHI COLLECTIVE, 2024.

Imagem 1. Líquen em rocha, *coastline of Glenkeen Gardens*.

© MBUCHI COLLECTIVE, 2024

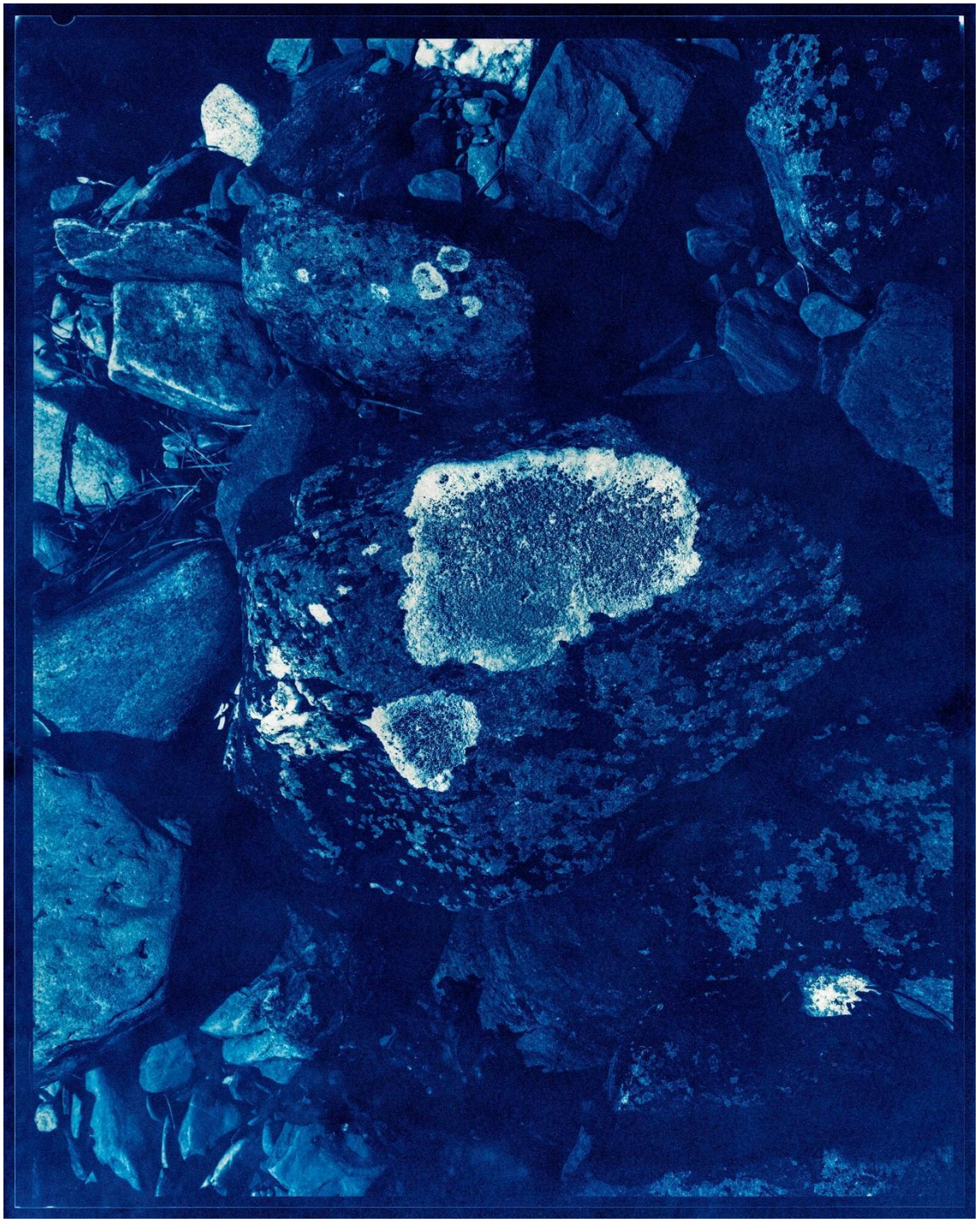
Imagem 2. *Roaring Water Bay*.

© MBUCHI COLLECTIVE, 2024

Imagem 3. As Terras Selvagens, *Glenkeen Gardens*.

© MBUCHI COLLECTIVE, 2024

Imagem 4. *Toormore coastline.*



© MBUCHI COLLECTIVE, 2024

Imagem 5. Líquen em rocha, *coastline of Glenkeen Gardens*.

© MBUCHI COLLECTIVE, 2024

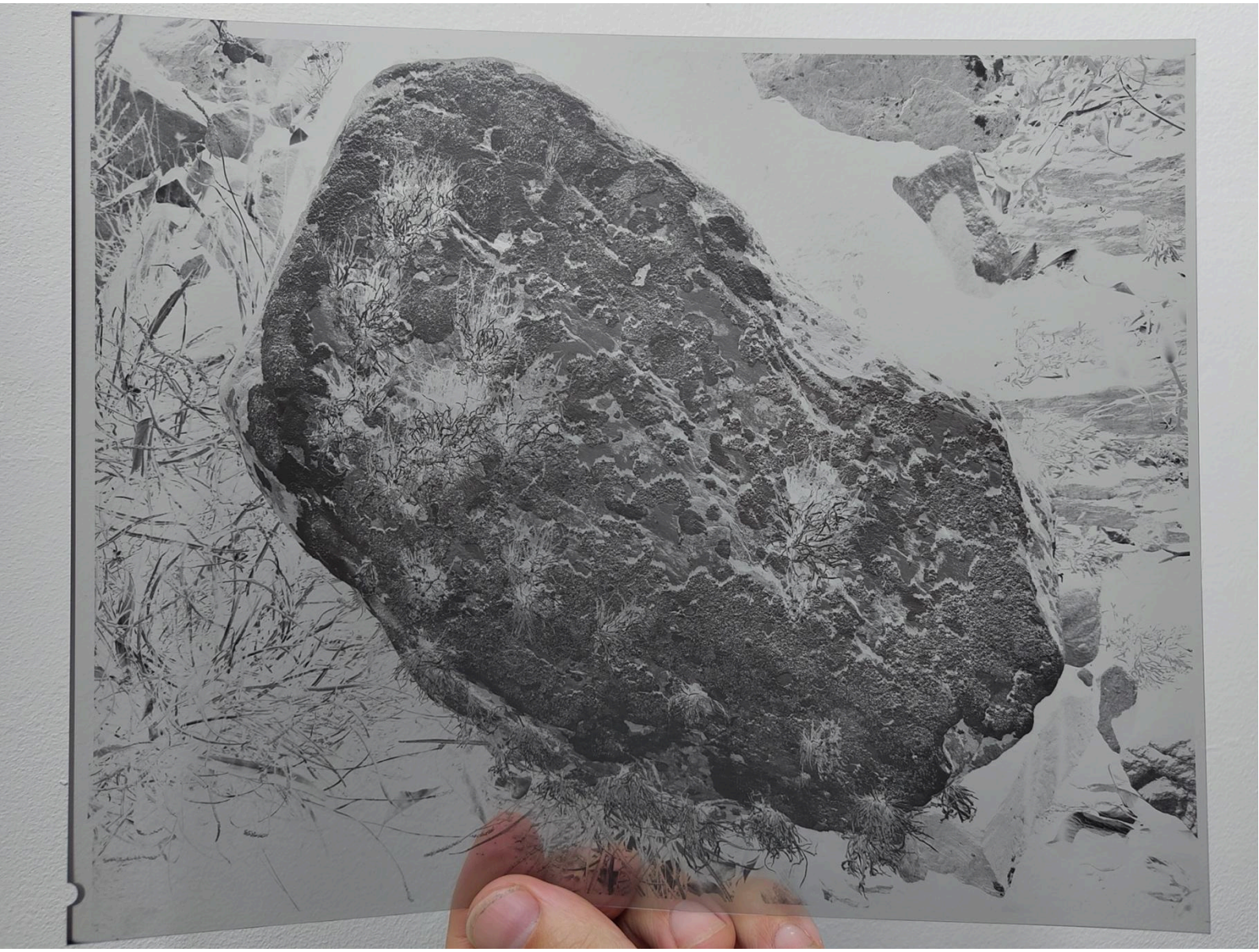
Imagem 6. *Knockboy*, *Priest's Leap*.

© MBUCHI COLLECTIVE, 2024

Imagem 7. Quatro cruzes.

© MBUCHI COLLECTIVE, 2024.

Imagem 8. Tirando fotos com uma câmera de grande formato na costa de *Glenkeen Gardens*.



© MBUCHI COLLECTIVE, 2024

Imagem 9. Negativo 47 – líquen em uma rocha na costa de *Glenkeen Gardens*.

Referências Bibliográficas

BEVAN, Mark. 2014. A method of phenomenological interviewing. *Qualitative Health Research*, 24(1), p. 136–144. https://doi.org/10.1177/1049732313519710

CHESNEY, Helen Clare Gifford. 1997. Chapter in Stars, Shells, and Bluebells: Women Scientists and Pioneers, ed. Mary Mulvihill. Dublin, Ireland: Women in Technology and Science (WITS).

HABETS, David; KIVERSTEIN, Julian; RIETVELD, Erick; DENYS, Damiaan. 2024. Intimate places: playgrounds for self-exploration. *Inscriptions*, 7(2), p. 127-145. https://doi.org/10.59391/inscriptions.v7i2.252

HØFFDING, Simon. 2015. A phenomenological interview approach to expertise and selfhood. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 14(3), p. 449–473. https://doi.org/10.1007/s11097-014-9362-5

HUTCHINS, Madeline. 2019. *Ellen Hutchins (1785–1815): Botanist of Bantry Bay*. Bantry, Ireland: Ellen Hutchins Festival.

IANNIELLO, Antonio; HABETS, David. Performing Bad Scaffolds: Exploring Dynamic Imaginative Niches. *Topoi*, p. 1–20. https://doi.org/10.1007/s11245-024-10154-4

MERLEAU-PONTY, Maurice. 1962 [1945]. *Phenomenology of perception*. (Colin Smith, Trans.). London: Routledge.

VAN DIJK, Ludger; RIETVELD, Erick. 2020. Situated imagination. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 24(2), p. 455-477. https://doi.org/10.1007/s11097-020-09701-2

ZAHAVI, Dan. 2005. *Subjectivity and selfhood: Investigating the first-person perspective*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

sobre os autores

David Habets

É um artista e pesquisador radicado na Holanda. Operando na intersecção entre arte visual, arquitetura paisagística e filosofia, seu trabalho explora a poluição mental e física por meio de instalações artísticas situadas e performances materiais. Enquanto parte de um projeto de doutorado, intitulado *Paisagens de Estresse*, realizado no *Amsterdam University Medical Centre*, sua pesquisa acadêmica concentra-se em como ambientes construídos influenciam os estados psicológicos.

Eva Posas

É curadora e editora radicada entre o México e a Holanda. Seu trabalho explora as políticas de linguagem, identidade e memória, com foco na cultura zapoteca. Ela se engaja por meio de exposições,

publicações e projetos de arte pública, enfatizando narrativas e metodologias sutis.

Biguzaa Habets-Posas

Filho de Eva Posas e David Habets, abraça a herança zapoteca e limburguesa. Como jovem explorador, aspirante a artista e pesquisador, ele também cunhou o nome do coletivo, Mbuchi.

David Habets, Eva Posas e Biguzaa Habets-Posas são membros do **Mbuchi Collective**, um coletivo transcontinental de artistas e pesquisadores. Com raízes entre a Holanda e México, sua prática entrelaça a herança Binnizá e as narrativas populares europeias. Por meio de instalações espaciais, transmissões de rádio ao vivo, programas públicos, pesquisa curatorial e brincadeiras, Mbuchi viaja por territórios linguísticos e cognitivos, mapeando os ventos que carregam memória, identidade e linguagem.

Autoria: Os autores são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: A escrita e a estrutura filosófica deste texto foram apoiadas pela bolsa da NWO (Organização Holandesa para Pesquisa Científica) concedida ao projeto *Capacidade de Mudança para um Mundo em Fluxo* (VI.C.201.066), do Professor Erik Rietveld. As fotografias foram criadas durante uma residência artística do Coletivo Mbuchi, organizada e apoiada pela *Crespo Foundation* em *Glenkeen Gardens, West Cork*.

Agradecimentos: O projeto reúne esforços colaborativos do grupo de pesquisa do Professor Sócrates em filosofia Erik Rietveld no *Psychiatry Department of the Amsterdam Medical Centre* (AMC), como parte do projeto NWO intitulado *Capacidade de mudança para um mundo em fluxo*, e do *Lemon Tree Interdisciplinary Center for Psychiatry, Psychotherapy, and Philosophy* com o filósofo Julian Kiverstein e o psiquiatra Damiaan Denys, bem como uma série contínua de trabalhos centrados em líquens intitulada

Somos todos extremófilos, criada pelo coletivo de artistas Mbuchi , que inclui a curadora, escritora e editora Eva Posas, o pesquisador e artista David Habets e Biguzaa Gabriel Habets Posas. Gostaríamos de agradecer especialmente Madeline Hutchins por compartilhar generosamente suas transcrições das cartas de Ellen Hutchins, preservadas nos arquivos do *Royal Botanic Gardens* em Londres, disponíveis em https://ellenhutchins.com/ellens-letters/, e à *Crespo Foundation* por apoiar financeiramente a produção de *Roaring Water*.

Recebido em: 20/02/2025.
Aprovado para publicação em: 14/03/2025.